

O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA PROPAGAÇÃO DO REVISIONISMO E NEGACIONISMO HISTÓRICO.

Alice Barbosa da Silva¹; Maria Olinda Barreto².

¹Universidade Estadual de Goiás, UnU Iporá, silvaab04@gmail.com; ²Universidade Estadual de Goiás, UnU Iporá maria.olinda@ueg.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as redes sociais se consolidaram como um dos principais meios de comunicação e de produção de sentidos na sociedade contemporânea. Plataformas como TikTok e YouTube transformaram as formas de interação e de acesso à informação, influenciando diretamente a formação de opiniões e a compreensão do passado. No entanto, esse ambiente digital, marcado pela rapidez na circulação de conteúdos e pela ausência de filtros verificadores, tem se mostrado também um espaço fértil para a difusão de discursos revisionistas e negacionistas, que distorcem ou negam fatos históricos consolidados. Tais narrativas, frequentemente reproduzidas por influenciadores, grupos ideológicos e produções audiovisuais de caráter pseudocientífico, como as da produtora Brasil Paralelo, ameaçam a racionalidade histórica e o compromisso social com a democracia.

Segundo Passos (2021), o revisionismo histórico, quando instrumentalizado politicamente, utiliza a mentira deliberada como ferramenta de manipulação da verdade factual, colocando em risco o tecido social e a memória coletiva. Picoli, Chitolina e Guimarães (2020) destacam que esse tipo de discurso promove uma “educação para a barbárie”, ao reescrever a história de forma distorcida e ideologicamente enviesada. Em complemento, Pollak (1989) observa que as disputas de memória ocorrem entre lembranças dominantes e subterrâneas, muitas vezes silenciadas por narrativas hegemônicas.

Para compreender o debate, é necessário reconhecer que o revisionismo histórico pode assumir sentidos diferentes. Como explica Butzen (2022):

O sentido como inovação é aquele da “inovação” da pesquisa, revelando aspectos antes não atingidos seja por uma teoria ou metodologia insuficiente ou por falta de fontes. Já o sentido abusivo (negativo) é aquele revisionismo apologético, “reformista” e “traidor”: revisita a temática com tendências políticas do presente sem apresentar inovações teóricas, metodológicas e de fontes – ou quando o faz é de maneira fraudulenta e com distorções. (Butzen, 2022).

O ensino de História, conforme Teles (2020), deve atuar na formação de uma

consciência histórica capaz de articular passado, presente e futuro, permitindo que o estudante compreenda o sentido de sua própria existência e das ações humanas no contexto social. Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo investigar como as redes sociais contribuem para a propagação do revisionismo histórico e quais impactos esse fenômeno produz na formação da consciência histórica dos estudantes, articulando reflexão teórica e prática docente. Dessa forma, reconhece-se a escola como espaço estratégico de enfrentamento à desinformação e de promoção de uma formação crítica e democrática.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica e observação no contexto escolar. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é a que “se preocupa com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, sendo adequada quando se busca compreender fenômenos sociais complexos, como as práticas discursivas e a formação de consciências históricas. Assim, essa abordagem foi escolhida por permitir uma análise interpretativa das manifestações do revisionismo histórico nas redes sociais e no ambiente escolar, considerando seus significados e implicações na formação dos estudantes.

O levantamento teórico constitui a primeira etapa da pesquisa e será realizado com base em autores que discutem o revisionismo, a memória e o ensino de História, como Passos (2021), Pollak (1989), Picoli, Chitolina e Guimarães (2020), Teles (2020), Rüsen (2001) e Cerri (2011). Essa fundamentação teórica permitirá compreender os conceitos de memória, cultura histórica, consciência histórica e revisionismo no contexto da cultura digital contemporânea.

Na segunda etapa, será realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2011) de publicações em redes sociais, como TikTok e YouTube, que abordem temas frequentemente distorcidos por narrativas revisionistas, entre eles a ditadura militar, o racismo estrutural e o genocídio indígena. A escolha dessas plataformas justifica-se pela sua ampla influência entre o público jovem e pelo potencial de disseminação de informações que moldam percepções históricas.

A análise dos dados será feita por meio da interpretação qualitativa e comparativa entre o conteúdo das redes sociais e as manifestações observadas na escola.

Serão consideradas as categorias teóricas de consciência histórica (Rüsen, 2001) e de memória coletiva e subterrânea (Pollak, 1989), de modo a compreender como as narrativas digitais interferem na construção do pensamento histórico dos alunos.

Por fim, os resultados serão sistematizados em forma de relatório interpretativo, buscando revelar as relações entre o uso das redes sociais, a circulação de discursos revisionistas e o papel do ensino de História na formação crítica dos estudantes. A metodologia, portanto, articula teoria e prática, favorecendo a reflexão sobre o papel do professor como mediador entre o conhecimento histórico acadêmico e as narrativas que circulam no espaço digital.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa encontra-se em andamento, sendo desenvolvida no contexto da disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório, o que implica que os resultados aqui apresentados são parciais e correspondem às etapas já planejadas e iniciadas. Até o momento, espera-se que o estudo permita identificar as principais estratégias narrativas utilizadas na disseminação do revisionismo histórico nas redes sociais, analisando como tais discursos são recebidos, reinterpretados e, em alguns casos, reproduzidos pelos estudantes no ambiente escolar. Essa identificação será orientada pela análise de conteúdo digital associada às observações registradas no diário de campo durante o estágio.

A perspectiva adotada considera que o ensino de História pode assumir um papel ativo diante desse fenômeno, atuando como espaço de resistência à manipulação ideológica do passado e favorecendo a construção de consciências históricas críticas, baseadas em critérios éticos, metodológicos e democráticos. Como destaca Teles (2020), a consciência histórica se produz na articulação entre passado, presente e futuro, o que reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam reflexão e interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, ainda em andamento e desenvolvida no âmbito do Estágio Supervisionado Obrigatório, tem permitido compreender de maneira inicial como o avanço do revisionismo histórico nas redes sociais constitui um desafio significativo para o ensino de História. Considerando o objetivo geral analisar o papel das redes sociais na

propagação do revisionismo histórico e seus impactos na formação da consciência histórica dos estudantes, observa-se que a circulação acelerada de informações descontextualizadas ou distorcidas influencia diretamente a forma como os jovens interpretam o passado.

As observações realizadas no cotidiano escolar, registradas no diário de campo, indicam que muitos estudantes reproduzem discursos presentes nas redes sociais, o que confirma a relevância da questão de pesquisa. Esse cenário exige do professor uma postura crítica e mediadora, capaz de promover o diálogo entre o conhecimento histórico escolar e as narrativas que circulam no ambiente digital. Nesse sentido, como afirma Teles (2020), a formação da consciência histórica ocorre na articulação entre passado, presente e futuro, e cabe ao ensino de História construir sentido e promover reflexão.

Os resultados parciais também dialogam com Pollak (1989), ao evidenciar que a escola é um espaço onde memórias hegemônicas e subterrâneas disputam legitimidade. Reconhecer essas disputas é fundamental para desenvolver pensamento histórico crítico e fortalecer a capacidade dos alunos de identificar manipulações ideológicas presentes no revisionismo difundido nas redes sociais.

Assim, o estudo reforça que o ensino de História não se restringe à transmissão de conteúdos, mas desempenha um papel ético, político e social na formação crítica dos sujeitos. A escola, nesse contexto, configura-se como espaço de resistência à desinformação e de defesa da verdade factual, da pluralidade de memórias e dos princípios democráticos. Ao mesmo tempo, destaca-se que a etapa de aplicação pedagógica ainda será realizada, conforme o cronograma do estágio, permitindo que as análises sejam aprofundadas em momento posterior.

REFERÊNCIAS

- BUTZEN, G. A. O conceito de “revisionismo” na crítica historiográfica do “movimento crítico ao revisionismo contemporâneo”: uso, limites e possibilidades. 2022. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2022.
- PASSOS, Fábio Abreu dos. O revisionismo e os perigos da mentira deliberada na perspectiva de Hannah Arendt. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 44, n. 3, p. 115-134, jul./set. 2021.
- PICOLI, Bruno; CHITOLINA, Mariane; GUIMARÃES, Victor. Revisionismo histórico e educação para a barbárie: a verdade da “Brasil Paralelo”. *Revista História & Perspectivas*, v. 33, n. 63, p. 1-27, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

TELES, Luciano. Cultura histórica, consciência histórica e narrativa histórica: desafios atuais do ensino de história. Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM, v. 4, n. 2, p. 97-100, 2020.